



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

SELO DE VALOR CULTURAL DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ficha de identificação

Casa Godinho

Nome do estabelecimento: Casa Godinho

Razão Social do estabelecimento: Mercearia Godinho LTDA

Endereço: Rua Líbero Badaró, 340

Telefone: (11) 3104-1520

Página na internet: <https://www.merceariagodinho.com.br/>

Tipo de empresa: Sociedade Empresária Limitada

Data de constituição: 16/3/1957

Início de atividade: 16/3/1957

CNPJ: 60.442.670/0001-90

Horário de funcionamento: De segunda a sexta, das 7h às 18h30

Data de fundação: 1917

Proprietários/sócios: Miguel Romano e Rubens Veiga

Ramo de atividade: Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns

Setor/Quadra/Lote: 001.080.0019

Ocupa imóvel tombado? Sim (Resolução n.º 37/CONPRESP/1992 que institui o Tombamento do Vale do Anhangabaú, o que inclui o Edifício Sampaio Moreira)

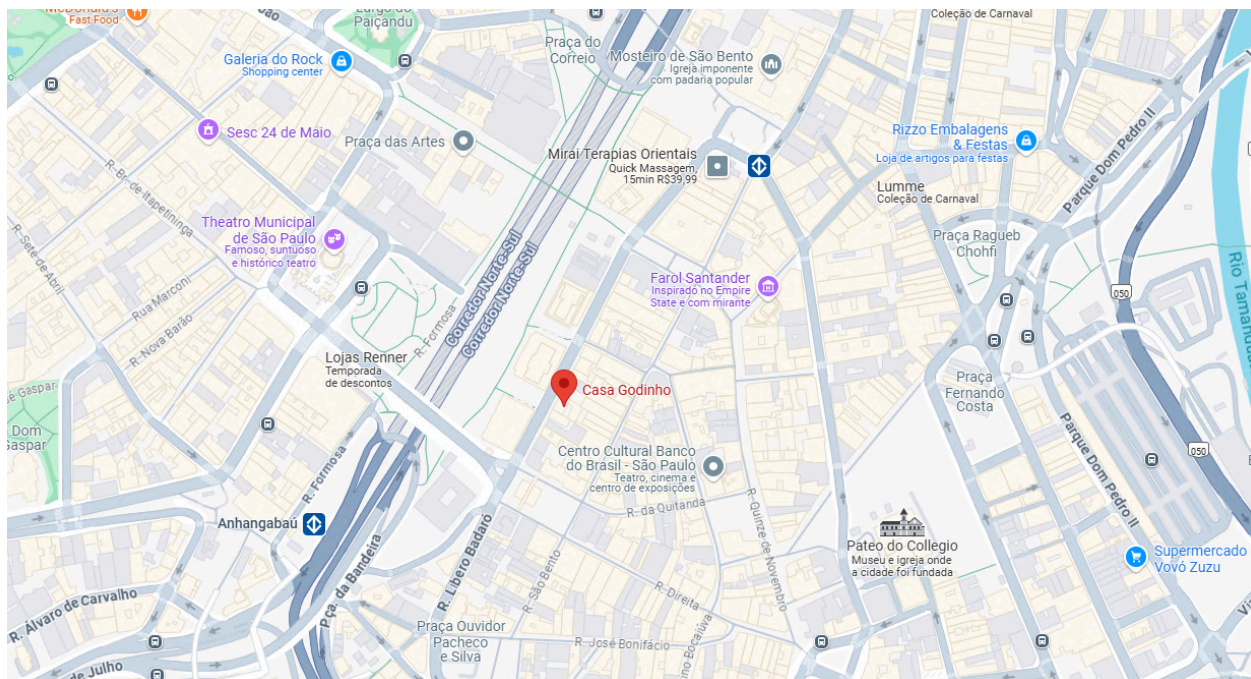
Conserva instalações/ambiência de época? Sim

É referência local? Sim

É referência na cidade? Sim



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Localização da **Casa Godinho**. Fonte: Google Maps, 2025. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.



Fachada da **Casa Godinho**. Google Street View, 2025. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Dados históricos:

A Casa Godinho é um empório de secos e molhados que data do fim do século XIX ou início do século XX¹, instalado num dos salões térreos do Edifício Sampaio Moreira desde a segunda metade dos anos 1920. O estabelecimento foi inicialmente aberto no antigo Largo da Sé, num contexto de modernização e desenvolvimento de São Paulo como um todo, especialmente de seu centro. Esse processo esteve atrelado a grandes ondas de imigração, principalmente europeia, que contribuíram enormemente para o desenvolvimento cultural, comercial e econômico de São Paulo. Dentre os muitos imigrantes que chegaram na capital paulista nesta época, está o português José Maria Godinho, fundador da Casa Godinho.

Já aberta, a casa apresentava uma seleção de produtos importados variados, em sua maioria da Europa, e passou rapidamente a ser frequentada pela elite paulistana. Na segunda metade da década de 1920, dada a construção e inauguração do Edifício Sampaio Moreira, o empório abre uma filial num dos salões térreos do edifício, onde permanece até os dias atuais, se consolidando como a casa de secos e molhados mais antiga da cidade².

Os empórios de secos e molhados desta época se destacavam pela qualidade dos produtos que comercializavam e por seu estilo de atendimento pessoal a cada cliente. Além disso, apresentavam marcenaria característica, composta por vidro e madeira escura, estilo que dava ao estabelecimento tom de elegância, sobriedade e respeito, de acordo com o padrão da época.

A elite paulistana era o grande público frequentador da Casa Godinho que, na busca por se consolidar como uma burguesia nos moldes franceses, encontrava no armazém um meio de aproximação com a cultura europeia. Dessa maneira, tal qual descrito por Silvia Soler Bianchi, no livro “Casa Godinho: Um lugar de memória na cidade de São Paulo” (2015), a Casa Godinho teve papel fundamental na formação e consolidação dos valores da elite paulistana nas primeiras décadas do século XX, alimentando e sendo alimentada pela ascensão desta camada social.

Ao longo do século XX, a mercearia passou por uma série de mudanças, como a crise econômica de 1929, a troca de proprietários no final da década de 1950, ou o processo de degradação do centro de São Paulo, iniciado em 1960 e intensificado a partir dos anos 1980.

¹ Existe certa imprecisão no ano exato de fundação da casa. Apesar do ano divulgado no site oficial da mercearia ser 1888, a autora Silvia Soler Bianchi, no livro “Casa Godinho: Um lugar de memória na cidade de São Paulo” (2015), demonstra o quão improvável é a veracidade desta data, visto que José Maria Godinho, seu fundador, teria nascido em 1883 em Portugal, chegando ao Brasil apenas em 1897, aos 14 anos. Por isso, após entrevistas com o filho e o neto de Godinho e um levantamento histórico e documental, a autora chega à suposição de que a casa teria sido aberta no período da Primeira Guerra Mundial, aproximadamente em 1917 (Bianchi, 2015, p. 120).

² A data de abertura desta filial também é polêmica. As informações disponíveis no site da Casa Godinho afirmam a abertura da loja na Líbero Badaró em 1924, porém existem indícios que sugerem que o Edifício Sampaio Moreira ainda não teria suas obras concluídas neste ano. Bianchi (2015) aponta, ao invés disso, o ano de 1927 como data de abertura da filial.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Apesar desses infortúnios, a Casa Godinho foi capaz de se manter em funcionamento e de preservar, até os dias de hoje, seu estilo de atendimento intimista, os tipos e qualidade dos produtos comercializados e seus elementos internos (marcenaria, vitrines, ladrilhos hidráulicos, etc.), estas últimas tombadas pelo CONPRESP por meio da Resolução nº02/CONPRESP/2009. Por conta disso, ela figura no imaginário de uma série de paulistanos como lugar de evocação e ancoramento de memórias, sendo também referência espacial no centro da cidade e atrativo cultural por apresentar elementos característicos do início do século passado.

Por sua trajetória, o armazém está presente na memória da cidade e na memória individual de seus frequentadores. No primeiro estudo realizado pelo DPH sobre a Casa Godinho, em 2012, foram feitas 384 entrevistas com clientes da casa, a fim de traçar seu perfil. Nos relatos coletados, muitos clientes afirmam ter conhecido a casa por conta de tradições familiares e outros indicam elementos afetivos para continuarem frequentando o local (cf. processo administrativo nº 2012-0.342.668-9). Ademais, é possível encontrar citações da Casa Godinho em textos de cronistas, historiadores e literatos.

Sendo assim, não é exagero afirmar que a Casa Godinho compõe a memória e o imaginário urbanos, detém valores afetivos e se configura como testemunha de modos de vida passados. Nas palavras de Bianchi (2015), “[a]o entrar pelas portas da atual Mercearia Godinho, tem-se a impressão de voltar no tempo. (...) Trata-se de um lugar que representa valores de uma época, da sociedade, da gastronomia e da identidade de uma classe social específica, a elite.” (p. 114)

Dentre os resultados obtidos nas entrevistas, destaca-se também o fato de 85% dos entrevistados afirmarem que visitam a Casa Godinho ao menos quinzenalmente e 23% afirmarem vir todos os dias. A maioria dos clientes não são novos, frequentando a casa há mais de cinco anos. Dado o número de visitas frequentes, o local também pode ser entendido como lugar de convívio social, de encontro e trocas, extrapolando sua dimensão comercial.

Estando localizado na região central da cidade, a Casa Godinho figura nos trajetos diários de milhares de paulistanos, há várias décadas, sendo, portanto, uma referência na memória de São Paulo e uma notável referência espacial no centro da cidade.

Na Resolução nº 20 / CONPRESP / 2012, a Mercearia Godinho Ltda (Casa Godinho) foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade de São Paulo. Em contraposição, neste presente relatório propomos o reconhecimento da Casa Godinho com o Selo de Valor Cultural, por atender os critérios estabelecidos por este instrumento de patrimonialização.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Sobre as instalações e a ambiência:

Até 1880, os armazéns existentes em São Paulo não apresentavam diferenciação em termos dos produtos comercializados. Vendiam de tudo, de máquinas agrícolas a biscoitos. A partir das duas últimas décadas do século XIX, os armazéns começaram a apresentar uma diferenciação maior, uma especialização na venda de determinados gêneros. Nasceram, assim, as casas de ferragens, máquinas e ferramentas, as sapatarias, as livrarias, os empórios de gêneros alimentícios e muitos outros.

Prateleiras de madeira, por vezes protegidas por vidros, invariavelmente recobriam as paredes dos estabelecimentos de cima a baixo, permitindo a exposição de todos os produtos ali existentes, de modo a facilitar ao cliente a escolha e a compra. O mesmo ocorria com balcões e cristaleiras, sempre com a função de expor mercadorias. A altura das estantes era vencida com o auxílio de escadas deslizantes, de madeira ou de ferro. Outro recurso frequentemente adotado para a exposição de mercadorias era a formação de verdadeiras “pirâmides”, com latas empilhadas de azeite, banha e outros produtos.

A combinação de vidro e madeira escura marcou época. Dava ao estabelecimento comercial um tom de sobriedade e respeito. A ambiência criada não era exclusividade das lojas elegantes do centro de São Paulo. Podia ser encontrada em bairros industriais e operários, como a Lapa, e em vários países. Era, na verdade, o padrão de uma época, expressão do gosto e das ideologias burguesas do período, marcado pela industrialização e pela urbanização.

A Casa Godinho conservou suas instalações da época, ainda apresentando o visual antigo.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Prateleiras da Casa Godinho. Foto de Chico Saragiotto/Divisão de Preservação/DPH/SMC, 2009.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Interior da Casa Godinho. Foto de Chico Saragiotto/Divisão de Preservação/DPH/SMC, 2009.



Fachada da Casa Godinho. Foto de Chico Saragiotto/Divisão de Preservação/DPH/SMC, 2009.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Fontes e bibliografia:

BIANCHI, Silvia Soler. *Casa Godinho: um lugar de memória na cidade de São Paulo*. 1. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2015.

DOMBI, Tânia Rajczuk. **O espaço comercial como um valor cultural**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, University of São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-01112014-132257/en.php>>. Acesso em: 08 de nov. de 2024.

Tombamento do Vale do Anhangabaú, que inclui o Edifício Sampaio Moreira (Resolução N.º 37/CONPRESP/1992). Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/d475b_37_T_Vale_do_Ahangabau.pdf>. Acesso em: 08 de nov. de 2024.

Abertura do Processo de Tombamento para o conjunto de elementos internos do Edifício Sampaio Moreira (Resolução N.º02/CONPRESP/2009). Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-da-cultuura-conpre-2-de-27-de-janeiro-de-2009>>. Acesso em: 08 de nov. de 2024.

Registro da Mercearia Godinho Ltda (Casa Godinho) como Patrimônio Cultural Imaterial da Cidade de São Paulo (Resolução N.º20/CONPRESP/2012). Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-da-cultuura-conpre-20-de-24-de-janeiro-de-2013>>. Acesso em: 08 de nov. de 2024.

Instituição do Selo de Valor Cultural da Cidade de São Paulo (Resolução N.º35/CONPRESP/2015). Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re3515SeloValorizacaoCulturaldacidadeSPauloPDF_1450198015.pdf>. Acesso em: 11 de nov. de 2024.

Elaborado por: **Marina Gregori Tokita** e **Silvia Naomi Asato**, estagiárias de Ciências Sociais, em dezembro de 2024.

Revisão por: **Fatima Antunes**, socióloga, Núcleo de Identificação e Tombamento/DPH, janeiro de 2025.